

O CONCILLIADOR.

De João L. de F. e Societ. Alvar. Sarriem 3-3-1925

RESPONSÁVEL — J. L. DE GOUVEIA.

PREÇO DA ASSIGNATURA

SEM ESTAMPILHA.

Por anno ou 48 n.ºs.....	1\$200 rs.
Por semestre ou 24 d.ºs.....	65 »
Folha avulsa.....	40 »

PUBLICA-SE NAS QUINTAS FEIRAS.

Annuncios e correspondencias 30 reis por linha — repetição 20 reis.
Os srs. assignantes gosarão a garantia de serem publicados os agradecimentos e despedidas, a 15 rs. e correspondencias a 20 rs.

PREÇO DA ASSIGNATURA

COM ESTAMPILHA

Por anno ou 48 n.ºs.....	1\$440 rs
Por semestre ou 24 d.ºs.....	770 «
Folha avulsa.....	45 «

EXPEDIENTE.

A redacção do «Conciliador» roga aos srs. assignantes que ainda não tenham satisfeito o importe de suas assignaturas, como a todas as pessoas que lhe sejam devedoras, se dignem mandar satisfazer o importe das suas assignaturas ou dividas em casa de José Mendes Leite à Senhora da Guia 5, ou que lhe seja permittido mandar fazer a cobrança nas suas casas.

A redacção faz este annuncio, porque estando a findar o primeiro anno da publicação do «Conciliador» deseja saldar as contas do respectivo anno.

GUIMARÃES 3 DE ABRIL

Um facto importante acaba de ter lugar nas regiões da politica; e é, o addiamento do sr. Fontes e a dissolução da camara electiva.

Não queremos fazer, e jámais faremos opposição systematica, tanto ao actual ministerio, como a outro que venha substituil-o; nem tambem quebraremos apaixonadamente lanças em favor d'algum. Os actos, e somente os actos do ministerio em geral, ou de cada um dos ministros em particular serão objecto para nós de approvação ou desapprovação.

Ninguem se persuada que lançamos mão do ultimo successo na politica para com elle stigmatizarmos o procedimento do governo na dissolução da camara, ou para fundamentar a defesa, não; sómente expendemos as nossas idéas franca e sinceramente a respeito do facto alludido.

Era mui claro, evidente até, que na camara existia uma opposição que mais cedo ou mais tarde devia manifestar-se. O ministerio tinha d'isto inteiro conhecimento, e tanto assim, que havia convocado para uma reunião os membros das camaras com o fim de os fazer scientes das medidas de que desejava a approvação, sendo entre outras o orçamento, e a auctorisação para a cobrança dos impostos do corrente anno civil: eis aqui o nó gordio da questao, que sendo uma cousa muito simples, não deixa de ter sua importancia; simples, porque o governo queria que se lhe concedesse a auctorisação antes da discussão do orçamento, e a opposição queria o contrario; importante, porque o orça-

mento do Estado é um documento que deve ser examinado com escrupulosa severidade.

Verdade é que ainda não vimos um governo em Portugal, que arrogasse a si a obrigação imposta a todas as outras corporações, quer religiosas, quer camararias, ou de beneficencia, ás quaes se nega a approvação de seus orçamentos, uma vez que n'estes se encontre deficit, ainda que para isto se aduzam motivos altamente justificaveis, ordenando-se-lhes que cortem pelas despesas. E por que razão não ha de tambem o governo cortar pelas despesas do Estado? Não militarão para este as mesmas razões que para aquellas? Oh! se militam: mas elle entende que tem na mão a faca e o quejo e por conseguinte que póde partir a vontade.

A discussão do orçamento é um objecto de summa importancia para o poder legislativo, e a este cabe stricta responsabilidade, posto que a não tem phisicamente, se o não examinar attentosamente, e se consentirem despesas superfluas, e em desperdicios; pois que faz com que seja mais contribuido o povo, que na verdade já paga bastante, e ainda se vê na necessidade de pagar mais para saciar a fome devoradora de alguém que já come na mesa do orçamento pingues ordenados, e d'outros que a cada momento vão sendo de novo admittidos.

Tem sido triste, doloroso até, o vêr-se a incuria, por não dizermos despreso, com que se discute o orçamento! consentindo n'esses deficits que annualmente se têm apresentado, sem se procurar dar remedio a este mal, que vai de momento em momento arruinando o credito d'este nosso já desgraçado paiz.

Mas nós vemos que sempre se tem olhado para o orçamento com incuria. Que era o que se tencionava agora fazer? O tempo fixo para a sessão ordinaria do presente anno estava a findar, e ignorava-se se o governo tinha intenção de prorogar a sessão, ou se tencionava encerrar as camaras no dia marcado, e n'este segundo caso era impossivel o discutir-se o orçamento com regularidade, tendo precedido um maduro exame tanto na parte da receita, como e muito especialmente na da despeza.

Volat-se primeiro a auctorisação para a cobrança dos impostos, e discutir-se depois o orçamento, era principiar por onde se devêra acabar; demais votada a primeira poderia o ministerio, se quizesse, julgar desnecessario a segunda, ou ser esta discutida irreflectida e apressadamente, porque votada a auctorisação para a colheita, tinha elle conseguido o seu fim principal, importan-

do-lhe muito pouco, se depois fosse ou não approvedo o orçamento.

Não é nem deve ser nossa intenção o querermos avaliar se a opposição usou conscienciosamente de boa ou de má fé; o que podemos dizer é que exteriormente portou-se rasoavel e até com justiça, exigindo que se disentisse primeiro o orçamento, e dizendo que depois lhe não negava a auctorisação pedida. Uma votação de 80 votos contra 76 decidiu a questão contra o ministerio.

Eis aqui as nossas idéas expendidas franca e sinceramente a respeito da questão de addiamento. Agora em quanto á dissolução da camara, consideramos este acto como uma das attribuições do poder moderador, cujo actual chefe do Estado póde exercer segundo as disposições na lei fundamental, e de cuja acção lhe não cabe alguma responsabilidade, porque assim foi decidido em conselho de Estado *ad hoc* reunido.

Ao povo compete agora mostrar se presta ou não ao actual governo o seu apoio, elegendo representantes que vão no futuro parlamento prestar-lhe o seu voto em todas e quaesquer medidas quer justas, quer injustas, ou advogar os interesses d'elle povo e da nação.

Tem-se por ahi erguido uma horrivel vozzeria contra as Irmãs da caridade que consideramos pouco honrosa para o nosso paiz, e que póde ser até mesmo causa de gravissimos males. No estado actual das cousas um acto de prepotencia, que o governo tenda a pôr em pratica, póde ser algum tanto funesto. Devia ter havido mais moderação.

Temos a respeito das Irmãs da caridade guardado o mais profundo silencio, e estavamos resolvido a não nos occuparmos com este objecto, mas o que temos visto e presenciado faz com que nós não continuemos mudos por mais tempo.

Traremos a campo a celebre e, até para dizermos a verdade, ridicula questão das Irmãs da caridade; esposaremos a sua causa apoiando-nos nos proprios documentos, que existem a este respeito, apresentados ás camaras pelo ministerio, e com elles mostraremos de que parte existe a boa ou má fé.

Por em quanto limitar-nos-hemos a dizer em vista dos documentos, que ellas são perfeitamente innocentes; repetindo agora o que em tempo disse o correspondente de Lisboa ao «Purgatorio»: = E' uma pobre

que não faz mal, que, quanto a mim, o não pôde fazer, e que pôde fazer bem.

Depois de se lhe ter feito uma crua guerra, aliás injusta, foi-se buscar o pretexto de estarem sujeitas a prelados estrangeiros, e que isto era contra as leis do reino.

Entraremos n'esta questão desapassionadamente, e com razões fundamentadas na razão e na justiça, e apoiados nos documentos apresentados, elucidaremos os nossos leitores sobre este assumpto, e deixaremos ao seu arbitrio o apreciar de que lado está a verdade e a justiça, usando sempre de decencia e moderação em tudo quanto dissermos, pois que não temos intenção de offender alguém, mas sim manifestar sinceramente as nossas idéas.

O communicado que em seguida publicamos, foi-nos entregue por um nosso amigo, e annuimos de bom grado à sua publicação, para o que tomamos em consideração as actuaes circumstancias.

COMMUNICADO.

QUEIXAS D'UM MISANTHROPO.

Em que paragem estamos, e para onde caminhamos?

Assim o cego, exausto de forças, depois de uma longa jornada por tortuosos caminhos, pergunta ao seu conductor. Assim perguntaremos nos aos illuminados do seculo, que nos têm chamado a paciência à espera de suas maçãs do Egypto.

Vendaram-nos os olhos, bateram as palmas e disseram: «adivinha quanto deu.» Fallaram-nos por detrás da cortina, e mandaram-nos caminhar avante. Percorremos tortuosos caminhos, e cantados já, como aquelle cego, ainda repetimos: «em que lugar estamos, e para onde nos levamos?» Desapiedadas vozes representam em nossos ouvidos: *Avante!!!*

— Pobre Portugal, a tua vida se escoou, a morte te espreita de perto. —

Eis aqui estamos mettidos em um labyrintho, do qual se não conhece a saída, e quanto mais andamos, mais arriscada será a nossa salvação. É forçoso voltar atraz; basta de experiencias sempre inuteis.

Neste seculo inconstante, tumultuoso e agitado, o homem, como que desconhecendo os vinculos que o unem ao seu semelhante, traça os fundamentos para um novo mundo, que elle quer fabricar sobre as ruínas da velha sociedade. O seu capricho é a sua lei, porque tudo quer refundir a seu belprazer. Eis que o systema é posto em pratica por esse homem do progresso, que, à frente d'um exercito assalariado, caminha orgulhoso pelo meio das turbas; é o espirito das trevas, é a ave de mau agouro, que lá no espesso bosque solta o seu funebre canto. A sua voz se desmoronam respeitáveis edíficos, que muitos seculos contemplaram religiosamente; dentro de cujas paredes se alimentavam germens esperançosos, que a Divina Providencia havia destinado para fertilisar a terra no volver dos tempos.

O homem do progresso, ufano do seu saber, traçou o seu plano em opposição ás vistas do Creador, principiou por onde devia acabar, e viu verficar-se a lettra a palavra divina: «O soberbo será confundido, e o humilde exaltado» O homem, a obra mais perfeita da criação, destinado a viver em sociedade, necessita, mais do que d'outra qualquer cousa, do aperfeiçoamento moral. E' pois por esta parte que o homem do progresso devia principiar: — lançar os fundamentos d'uma sã moral, vigiar sobre a sua cultura, e preparar assim a sociedade moderna para poder tirar todas as vantagens dos melhoramentos materiaes; eis os meios que deveria empregar. Caminhou porém ás avessas, levantou um edificio sem lhe construir alicerces; e o resultado não pôde ser senão ruínas.

Este centauro, arrojado pela furia dos ventos, veio pousar sobre as ameias que defendiam o velho convento dos nossos encanecidos civilisados, e, olhando para dentro do mesmo, fugiu espavorido, ao aspecto de deslumbrantes luzeiros.

Mais tarde, de volta com os seus companheiros de jornada, assestou o arcabuz, e lançou por terra as muralhas e as paredes do convento, e profanando então aquelle recinto sagrado, lança suas furibundas garras áquillo que sua cubiça appetecia.

Cheio já das riquezas do sanctuario, lá se espraia coberto de louros d'uma victoria infame!...

Que é feito d'esses thesouros que a cubiça tanto invejou? Responda o pobre mendigo, diga-o a nação inteira; tudo desapareceu como se nunca existira, e a terra ficou esteril á espera que o céu derrame um novo orvalho sobre a sua superficie.

O monstro porém ainda brame, e pretende regar o solo com o sangue de novas victimas. Lá se refunhem, sobre a infernal machina, novos instrumentos de destruição e morte!... Que faremos pois em presença d'estes preparativos? Um pensamento, e só este, nos pôde tornar immoveis no meio de tanta desordem.

Somos christãos, e como taes devemos respeitar os altos juizos de Deus; somos tambem peccadores, e na qualidade de réus, cumpre-nos receber o agoute como vindo das mãos de Deus, que, servindo-s. dos nossos verdugos, quer desaggravar sua suprema justiça. Oremos então com humildade de coração; na oração está a esperança de vida e de salvação.

Ainda, por enquanto, existe no meio de nós quem nos ensina a pedir o pão nosso quotidiano: são as virgens do templo. Sua voz ainda soa dentro d'essas paredes vestidas de musgo. Façamos coro com ellas, e com ellas esperemos a sorte que aprouver á Divina Providencia. As tempestades tambem são uteis á humanidade, e muitas vezes os impetuosos ventos purificam a atmosphera. E' pela acção do ar agitado, que se limpa o trigo, separando-lhe o joio *Deus sobre tudo.*

Não desanimemos. Ainda ha quem se associe para o sacrificio, quem defenda a causa de Deus e da humanidade. Uma nova milicia apparece sobre a nossa terra, que partilha as nossas crencas: são as filhas de S. Vicente de Paulo, que as revoluções dos tempos tinham feito esquecer. Acolhamos estes anjos em carne, e, com ellas á nossa frente, despossamos o egoismo e a libertinagem do seu throno. As irmãs da caridade são civilisadoras, e o estado actual da sociedade precisa da sua influencia, embora um bando de portuguezes as desconheçam, as despresem e persigam. Uma voz, que soa em todos os angulos da terra, sobe mais alto do que o gransar d'esses autrophagos, que horrorizam a natureza.

Quando o seu exterminio ainda lembre, e por fatalidade nossa seja decretado por alguns portuguezes desnaturados, então desabrochará em nossos peitos essa dedicação pela causa da humanidade, essa coragem christã, que os nossos passados nos legaram. Mais uma vez, porém, ainda perguntaremos: porque se pede o seu exterminio, ou se prohibe a sua admissão n'este reino? Teremos nós menos necessidade de quem faça bem e cumpra a lei de Deus, do que esses outros paizes, onde ellas têm sido acolhidas com grande veneração, ou serão ellas aqui mais perigosas do que lá?... Nem uma, nem outra cousa.

Fallemos claro: as irmãs da caridade não se temem, pois que a sua missão é de paz e não de guerra; nem tão pouco a qualidade de estrangeiras pôde ser motivo para que não se acceitem os seus serviços. Todos sabem que a caridade e a religião não têm patria; todo o genero humano lhe está unido por vinculos sagrados. Além de que, não está porventura franca n'este reino a entrada a quantos fargantes o queiram peregrinar, sejam elles de que nação forem? ou, para melhor dizermos, não são estes galhofeiros recebidos com applauso e enthusiasmo geral? Então por que são ellas guerreadas? é porque se fazem acompanhar por meia duzia de sacerdotes respeitaveis, seus directores espirituaes, trazendo nas mãos um breviario, e junto ao peito uma cruz? E são estas as armas que aterram!... socegae, homens do progresso, aquelle breviario é o compendio da verdadeira civilisação, e essa cruz pendente é o symbolo da humanidade. Ali tudo respira paz, dedicação e amor.

Homens do progresso, nós teriamos para convosco uma decidida sympathia, se vós tivessis a nobre coragem de reprehender o vicio onde quer que o encontrasseis; mas vós somente sois fortes para com o fragil peccador, e até as mais das vezes sois falsos arguidores; em quanto que para com os escandalosos, fortes e encanecidos no ei-

me, nada vos atreveis. A vossa penna ainda não traçou uma lettra de reprehensão contra os profanadores do dia particularmente destinado ao Senhor, e d'estes escandados está cheia a cidade de Lisboa. Ah!, no seu centro, e em volta d'ella, trabalham os artistas nas suas officinas, o lavrador no seu campo, a maxima parte do povo trabalha no dia sanctificado, mas vós estaes callados, e sobre isto guardaes profundo silencio, ou antes tudo applaudis! Que quereis então que vos diga, ou que vos faça?

Far-vos-hemos só uma pergunta, e com ella terminaremos este artigo: Qual será a divisa que o progresso d'hoje pretende adoptar?

Ficaremos por aqui á espera da resposta.

CORRESPONDENCIA.

Snr. redactor.

Rogo-lhe o obsequio de conceder no seu lido e acreditado periodico lugar a esta minha exposiçao que supposto seja um facto só comigo acontecido, pôde bem ser venha a dar-se com mais alguém se não houverem providencias, que desde já reclamo, esperando que de futuro não só me venham a aproveitar, mas tambem ao publico em geral.

No dia 21 do corrente mez de Março, já eu no meu carro puchado por um pequeno cavallo pela rua Nova das Oliveiras, com direcção á aldeia, e a uso de ares de campo, que me são aconselhados para conservação d'esta minha dolorosa existencia, pois eu julgo que todos os meus patricios não ignoram que estou ha annos sem acção de pernas nem de braços, motivo este por que uso andar n'um carro com um creado ao lado, o que faço sem ostentação nem luxo: no dia 21, como ia narrando a v. , estive quasi a ser atropelado á porta do ill.^{mo} snr. Francisco Varella, por um carro puchado por quatro cavallos do snr. José Antonio que por sobrenome não perca, «Gaita» assim nomeado, que os andava ensinando; logo que avistei o carro, mandei desviar para o lado direito junto ás casas o meu pequeno carro, porém o sarrafal bolheiro do snr. José Antonio ignorante do officio que exerce, devendo quebrar os cavallos sobre o meu lado esquerdo, o não praticou assim, rompendo a direito, e o snr. José Antonio, que por sobrenome não perca carregou com o chicote, e com tal violencia os cavallos a todo o galope que por um triz estive a ser victima da sua imprudencia, chegando felizmente a roda do carro do snr. José Antonio, que por sobrenome não perca, a tocar de leve na roda do meu carro! que se por infelicidade minha o chega a involver estava hoje feito em pedaços.

Rogo portanto á auctoridade a quem compete haja de admoestar o sr. José Antonio assim como todos os mais alquiladores que andam ensinando cavallos, não consentindo que qualquer individuo se arvôre em bolheiro sem as habilitações necessarias para exercer aquelle officio, tornando-os responsaveis por todos e quaesquer prejuizos que possam d'aqui resultar, fazendo-lhe observar o que se costuma praticar nas terras mais policiadas a este respeito.

Sou de v. etc.

José Antonio de Novaes.

Guimarães 22 de Março de 1861.

SECÇÃO NOTICIOSA.

CHRONICA RELIGIOSA.

As ceremonias e festividades quadragesimales da Semana Santa fizeram-se nesta cidade com a pompa costumada. Por falta de espaço não damos n'este numero uma noticia completa e precisa, como desejamos, mas dal-a-hei nos numeros seguintes.

Começou no sabbado passado com a costumada pompa a novena de Nossa Senhora da Madre de Deus na igreja das religiosas Capuchinhas. A festa da mesma Senhora é na proxima segunda feira.

BOLETIM DOS PASMATORIOS.

AVISO.

Todas as pessoas que tiverem de mandar publicar quaesquer annuncios no «Conciliador» terão a bondade de os mandar entregar em casa do snr. José Mendes Leite á Senhora da Guia n.º 5, para que elle tome conhecimento d'elles, bem como das pessoas a quem se ha de dirigir para a cobrança. Temos resolvido desde hoje por diante não dar publicidade a annuncio algum, que não seja enviado a esta redacção pelo snr. José Mendes Leite.

Justos motivos nos levaram a tomar esta resolução.

Escandalo. — O «Escolastico Bracarense» conta-nos um facto succedido em Braga que não era de esperar, ser tolerado, quanto mais permitido. Não é mais nem menos do que uma certa gatinha que tendo de dar satisfação aos preceitos quadragesimales, se apresentou á mesa da Sagrada Eucharistia para receber o pão dos Anjos, e entendendo que não era povo, e que perante o Ente Supremo também pôde haver distincção, não se chegou para receber a sagrada communhão juntamente com os demais fieis, mas sim esperou até que apparecesse uma toalha melhor e um vaso rico com agoa, e foi então que a tal gatinha se dirigiu a satisfazer ao preceito, com toda a distincção.

Que esta gatinha assim o fizesse, ou desejasse fazer isso pouco importa, mas que houvesse ecclesiastico que o consentisse?... contra isto é que nós clamamos!

Isto diz o «Escolastico»; porém houve quem nos disse mais alguma cousa particularmente.

Aquella santa gatinha praticou este acto na quinta feira maior, e para isto veio em carroagem, e em carroagem andou no mesmo dia de tarde visitando as casas do Senhor, isto n'um dia em que os prelados, os príncipes da igreja, vão por seu pé ás cathedraes para exercerem as funções ecclesiasticas.

Prodigio. — Um acontecimento notavel teve lugar n'esta cidade ao qual não podemos deixar de prestar o nosso pleno assentimento. E na verdade um prodigio maravilhoso, que parece dever ser inacreditavel, e de certo o não acreditaríamos se o não vissemos revestido de provas authenticas, authenticas porque julgamos incapazes de mentir as pessoas que o affirmam.

Na verdade quem conhece ou tem perfeita noticia do que são as religiosas Capuchinhas d'esta cidade, não pôde, nem mesmo se alreie a crer no contrario: muito mais quando a confissão das religiosas, feita ao seu confessor, com quem tivemos uma conversação sobre o mesmo objecto, é do modo seguinte:

«No dia 19, para melhor poder averiguar o caso, chamei ao confissionario as religiosas uma por uma, para lhes fazer as seguintes perguntas:

A que horas na quinta feira levaram em procissão o Senhor dos Passos da casa do lavor para o côro? «Pelas 5 horas antes de rezar matinas para o dia seguinte.»

A que horas fizeram a procissão do Senhor dos Passos pelo dormitorio ou claustros na sexta feira? «A's 3 horas da tarde.»

A que horas levaram o Senhor dos Passos para a casa do lavor, para o collocar no seu lugar ordinario? «A's quatro horas da tarde.»

A que horas viram sahir esse suor? «Na mesma occasião em que se collocou o Senhor.»

Era grande a quantidade do suor? «Via-se muito bem e limpamol-o a umá toalha que estava proxima e ficou humida.»

Quantas religiosas estavam presentes n'essa occasião?

«Toda a comunidade á excepção de duas que estavam incomodadas, mas essas mesmas vieram depois vêr; eram entre professoras e coristas 17.»

Todas viram o suor do Senhor?

«Todas menos a Madre Vigaria, que se não quiz aproximar muito com terror.»

Qual foi a primeira que deu fé?

«As duas coristas mais novas, Libania e Anna.»

Note-se pois como ellas perguntadas uma por uma concordavam todas nas perguntas do confessor, e na verdade não era possível haver convenção entre ellas, porque não advinhavam que perguntas lhes haviam de ser feitas, salvo se houvesse inspiração divina, mas isto mesmo seria maior prodigio.

Fallecimento. — Falleceu na segunda feira a sogra do distincto professor regio de grammatica latina, e latinidade d'esta cidade o ill.º snr. Francisco Pedro da Costa Rocha Vianna. O cadaver da finada foi dado ante-hontem á sepultura na igreja do extincto convento de S. Francisco, depois dos officios funebres celebrados com pompa na mesma igreja por sua alma.

O ill.º snr. Rocha Vianna foi nosso professor de latim, e lhe havemos prestado sempre um sentimento de respeito e dedicação. hoje porém lhe tributamos um sentimento de magoa e dôr pelo infausto successo acontecido na sua familia.

Como catholico, crente na mesma fé, ou para melhor dizermos como filho de Jesus Christo, e irmão que somos no mundo ligado pelos vinculos de uma religião sanctissima, o exhortamos a soffrer resignadamente o duro golpe que experimentou seu coração, conformando-se com a vontade do Ente Supremo.

O maior testemunho de gratidão que n'este momento podemos dar ao nosso professor, o que fazemos sem vaidade, mas do intimo do coração, é pedirmos a todos os nossos amigos que se dignem rezar um P. N. e uma Ave M. pela alma da finada.

Eleições de deputados. — Por decreto de 30 de Março ultimo são convocadas as comissões de recenseamento para o dia 21 de Abril assim de procederem aos trabalhos da sua competencia; no dia 28 terá lugar a votação das assembléas primarias; e o dia 5 de Maio é o designado para o apuramento

geral da votação nos respectivos circulos constantes já do mappa anexo á carta de lei de 23 de Outubro de 1859.

Sahiram-se bem. — No sabbado, vespera de Domingo de Ramos, houve uma controvérsia entre dois pedreiros que trabalhavam na construcção de uma casa na rua de Santa Luzia, que deu em resultado um d'elles atirar com um pico ao outro, fazendo-o cahir por terra; este porém levantando-se, arremessou com uma alavanca de ferro ao primeiro, e dando-lhe na cabeça o poz em estado tal que foi conduzido ao hospital aonde morreu poucas horas depois.

O que apanhou com o pico ficou também muito mal tractado, e ignora-se aonde existe.

Havia um anno, dizem-nos, que estes dois pedreiros andavam em rixa um com o outro; o resultado foi optimo, mesmo como era de esperar d'umas alminhas taes. — Sahiram-se bem!

VARIEDADE.

Snr. redactor.

Vou rogar a v. o especial favor de dar publicidade a esta correspondencia, que pôde servir como variedade nas interessantes columnas do seu jornal.

Appareceu ha dias n'um jornal de Braga um sugeito, que por nome não conheço, dizendo que para satisfazer aos desejos d'algum declarava que era solteiro, não pelos seus merecimentos, mas pela graça de Diós.

Achei que isto era tão digno de ser lido, que o venho outra vez dar á estampa. E tenho para mim que o tal declarante, ou está mordido e raivoso por não ter podido achar quem o queira para marido, ou anda em pretensões de enganar alguma beata velha para lhe chuchar *cum quibus*. Se o menino tem merecimentos para ser casado, como diz, pôde casar e convidar os amigos para a boda, mas não ande pelos periodicos o fazer declarações de parvalheira.

Diz mais o tal curioso pretendente que é filho da snr.ª Maria e do snr. Alvar, no que com muita razão pretende mostrar, que não é engeitado, que tem pae e mãe, e que se não parece com os filhos das tristes ervas. O publico fica inteirado d'esta revelação historica, e eu vou mandar uma nota biographica do cidadão prestante, filho da snr.ª Maria, e do snr. seu marido, para ser archivada na Academia real onde se devem encontrar todas as raridades. Um homem que tem pae e mãe, não é qualquer *Zé da bestia*; deve trazer pera e bigode, ter pelo menos uma casa e um quintal em Lisboa para se dotar, e artes para multiplicar dezoito vintens diarios, como Christo multiplicou o pão e os peixes, para chegarem para vestir, comer, luxar, fumar, namorar e jogar.

Promette, concluindo, que ainda dará mais esclarecimentos a respeito da sua importante pessoa, ao que desde já o convído; mas não se esqueça de tirar certidão do casamento da snr.ª Maria com o snr. seu homem, e certidão do baptismo, documentos indispensaveis para provar o que avançou. Quando soubermos com certeza, que aquelle par de pombos era legitimo, e que o filhinho recebeu as agoas do baptismo, prometemos uma epopea ao heróe, declarando que será elevado á altura dos seus feitos.

Sou de v. etc.

Alguem.

PREÇOS CORRENTES DOS PRODUCTOS AGRICOLAS
EM 30 DE MARÇO DE 1861.

ALQUEIRE DO MERCADO.	MEDIDA METRICA	RÉIS
	19, 32	
Trigo.....	».....	1,000
Centeio.....	».....	500
Milho mudo (ou alvo).....	».....	500
Dito grosso branco.....	».....	500
Dito amarello.....	».....	490
Feijão amarello.....	».....	580
Dito rajado.....	».....	540
Dito fradinho.....	».....	460
Painço.....	».....	340
Batatas.....	».....	240
Azêde (almêde).....	24, 37	5,200

AGRADECIMENTOS

JOÃO Leite de Faria Sampaio tributa por este modo os seus mais sinceros e cordeas agradecimentos a todos os cavalheiros e senhoras, que, durante a sua dolorosa enfermidade, tiveram o cuidado de saberem do seu estado, e se mostraram interessados pelo seu restabelecimento, e lhes pede desculpa de o não fazer pessoalmente, porque assim o pede o seu melindroso estado.

22

MARIA Rita Marques, Antônia Margarida de Oliveira, Francisco José Marques e Silva e Antonio Augusto Marques e Silva agradecem por este meio a todos os ill.^{mos} snrs. e snr.^{as} que se dignaram honral-os com suas visitas por occasião do fallecimento de seu presado marido, genro e cunhado José de Campos da Silva Pereira Junior, e a todos protestam seu indelevel reconhecimento.

23

ANNUNCIOS.

Na loja de Domingos da Costa Ascensão vende-se tinta de escrever, de superior qualidade, bem como graxa de lostrar calçado tanto em lutas como em liquido, tudo por preços commodos.

(141)

QUEM pertender tomar a juro de lei até a quantia de 400,000 réis dirija-se ao thesoureiro da irmandade de S. Gonçalo, d'esta cidade.

(126)

VENDEM-SE as casas n.º 10, na rua da Fonte Nova d'esta cidade, com quintal e poço. Quem as quizer pôde dirigir-se a Antonio Vicente da Graça. O fôro é de 600 réis e dois frangos, e laudemio a quarentena do porte d'ellas sómente.

(139)

ATTENÇÃO!

DOMINGOS José Ferreira Guimarães, dono do estabelecimento de fazendas brancas do largo de S. Francisco n.º 7 e 8, — avisa aos seus freguezes que ja lhe chegou um grand

variado sortimento de fazendas proprias da estação, e que vende chitas largas a 180 rs. o metro que corresponde a 120 rs. o cômodo — lindos lenços de seda a 480 réis, e que, finalmente, tudo vende baratissimo, porque todas as suas fazendas são compradas a dinheiro.

O mesmo declara que nada deve a pessoa alguma d'aqui, do Porto, de Lisboa ou de qualquer outra parte, mas se porventura algum se julgar credor, apresente conta para logo ser paga. — Guimarães 14 de Março de 1861.

(140)

PARA PERNAMBUCO

PROMPTIDÃO II.

DE PRIMEIRA CLASSE E MARCHA.

VAI sair com muita brevidade. Recebe carga e passageiros a pagar a'este ou n' aquelle porto, para os quaes tem bom tratamento e excellentes commodos. Tracta-se com Jo. quim Antonio dos Santos Andrade, rua de D. Pedro n.º 85. — Porto.

(129)

FALLENCIA DE GONÇALO LOPES MOREIRA.

O CURADOR fiscal provisorio convida a todos os ers. credores a reunirem-se no tribunal do commercio d'esta cidade por 9 horas da manhã do dia 9 de Abril proximo, designado pelo snr. Juiz commissario, para a verificação de creditos, e mais diligencias legais. Guimarães 21 de Março de 1861.

João Baptista Sampaio.

(144)

MANOEL Ribeiro, do lugar de Minotes, da freguezia de Santa Eulalia de Fermentões, como tutor de seus irmaos Antonio e Joanna, ambos do lugar de Toriz, da mesma freguezia, tem para dar a juro legal a quantia de 144,000 réis: quem a pertender, de baixo de hypotheca e mais seguranças precisas, pôde dirigir-se ao annunciante.

(145)

NO dia 7 do corrente mez de Abril, pelas 9 horas da manhã, na casa do despacho da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, tem d'arrematar-se a quem por menos o fizer, = o fornecimento do pão trigo para o hospital geral da dita Santa Casa da Misericordia; = o fornecimento da carne de vacca para o dito hospital geral, e para o hospital dos Entrevados da mesma Santa Casa da Misericordia; = o fornecimento do pão de brôa para os sobreditos hospitaes geral, e dos Entrevados, e para os Presos das cadeias d'esta cidade; = o fornecimento de caldo para os mesmos Presos; o corte de cabellos, e factura de barbas, e o mais serviço de barbeiro, que fôr preciso desempenhar, quanto aos enfermos dos referidos hospitaes geral e dos Entrevados = os concertos ordinarios da agoa, que vem ao chafariz do hospital geral, e respectivos tanques, e ao tanque do

hospital dos Entrevados; tudo isto por tempo d'um anno que ha de começar no 1.º de Julho proximo futuro, e ha de findar no dia 30 de Junho de 1862.

[146]

NO dia 7 do corrente mez de Abril, pelas 9 horas da manhã, na casa do despacho da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, tem d'arrematar-se a quem mais der; = os foros, censos, e pensões que se pagam á dita Santa Casa da Misericordia, e que se vencem na dita colheita do corrente anno de 1861 = a loja por baixo da Casa do despacho da referida Santa Casa da Misericordia, que actualmente é occupada por Manoel Leite da Costa Boriz = a loja na rua d'Arrochella, que actualmente é occupada por João Baptista Sampaio = uma morada de casas, junto ao hospital dos Entrevados no Largo de S. Paio, d'esta cidade = uma morada de casas no Campo da Feira d'esta mesma cidade, dos herdeiros de Pedro Gomes Ramalho; e os rendimentos da capella de S. Lasaro na freguezia de S. Miguel de Creixomil, tudo por tempo d'um anno, que ha de começar em dia de S. Miguel d'este anno, e ha de findar em igual dia do anno de 1862.

(147)

NO dia 7 d'Abril corrente, pelas 9 horas da manhã, na casa do despacho da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, se tem d'arrematar a quem mais der, a cerca do extincto convento dos Capuchos, nos limites da freguezia de S. Pedro d'Azorem, por tempo de tres annos, que hão de começar no dia 1.º de Novembro d'este corrente anno de 1861, e hão de findar em vespera d'igual dia de 1864.

(148)

NO dia 7 d'Abril corrente, pelas 9 horas da manhã, na casa do despacho da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, se tem d'arrematar a quem por menos o fizer, as obras de carpinteiro e estador no acrescimo á casa da Botica da mesma Santa Casa da Misericordia no edificio do extincto convento dos Capuchos.

(149)

EDITAL.

A Camara Municipal de cidade e concelho de Guimarães

FAZ saber que em sessão de 11 de Abril de 1860 deliberou a creação de nma nova feira annual, publica, e franca, n'esta cidade, por espaço de cinco dias, tendo principio no dia 3, e fim no dia 7 de Maio, de cada anno, onde poderão concorrer todas as especies de gado, objectos commerciaes e productos artisticos, e agricolas. Cuja deliberação foi approvada por o accordão da ex.^{ma} Junta Geral do Districto de 16 do mesmo mez.

Outro sim faz publico que a supradita feira ha de começar no anno de 1861, no campo do Salvador.

Guimarães 2 de Abril de 1861.

O Presidente

Gaspar Ribeiro Gomes d'Abreu.

(150)